

**O ENSINO MÉDIO E A IDENTIDADE PATAXÓ NA COMUNIDADE
INDÍGENA COROA VERMELHA**

**HIGH SCHOOL AND PATAXÓ IDENTITY IN THE COROA VERMELHA
INDIGENOUS COMMUNITY**

Verônica Silva Santos

Francisco Vanderlei Ferreira da Costa¹

Shirley Ribeiro de Souza Amaro

Resumo: O presente artigo tem como objeto de pesquisa o processo de implantação do Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha, como se deu a reivindicação do Colégio pelo povo Pataxó Coroa Vermelha e como vem sendo sua primeira década de existência. Teve como método de pesquisa Análise Documental, que tem como método analisar documentos para levantamento de informações, dados, registros de forma indireta, na perspectiva de compreender as relações interpessoais e pessoais dos envolvidos. Após análises das informações foi possível concluir que o Colégio precisou superar algumas adversidades que são colocadas às Escola Indígenas. No entanto, conclui-se também que o Colégio na atualidade é um espaço de construção coletiva pela comunidade Pataxó Coroa Vermelha, na perspectiva de somar as diversas estratégias utilizadas pelos Pataxó de fortalecimento, pertencimento e manutenção na alteridade de ser Pataxó.

Palavras-chaves: Educação Indígena Pataxó; Identidade e Resistência.

Abstract: This article's research objective is the process of implementing the Coroa Vermelha State Indigenous School, how the Pataxó Coroa Vermelha people demanded the school, and how its first decade of existence has been. The research method used was Document Analysis, which analyzes documents to collect information, data, and records indirectly, with a view to understanding the interpersonal and personal relationships of those involved. After analyzing the information, it was possible to conclude that the school had to overcome some adversities that are placed on indigenous schools. However, it is also concluded that the school is currently a space for collective construction by the Pataxó Coroa Vermelha community, with a view to adding the various strategies used by the Pataxó to strengthen, belong, and maintain the otherness of being Pataxó.

Keywords: Pataxó Indigenous Education; Identity and Resistance.

¹ Possui doutorado em Linguística e Língua Portuguesa (2013) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia no Campus de Porto Seguro. E-mail: francisco@ifba.edu.br.

Introdução

O presente artigo é fruto de uma pesquisa que fez parte do trabalho de conclusão de Curso da Especialização em Educação e Interculturalidade do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia, campus-Porto Seguro. No entanto esse artigo toma outros significados: ele intenta falar em nome do povo Pataxó da aldeia Coroa Vermelha, sobre Educação Escolar Indígena. Falar em nome de um povo evoca responsabilidade e compromisso. Além disso significa na contemporaneidade que nós indígenas estamos com o poder de fala, entoando nossas vozes.

O interesse em pesquisar sobre o tema Educação Escolar Indígena, se deu a partir da perspectiva de acreditar que qualquer oportunidade que possa dar visibilidade as realizações da Educação Escolar Indígena devem ser transformadas em espaço de luta, representatividade e visibilidade coletiva. Nesse sentido, somos professoras no Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha, poderíamos pesquisar outro tema, porém este tema é mais relevante para nossa realidade.

O artigo está dividido em duas partes: no primeiro momento iremos apresentar o povo Pataxó de Coroa Vermelha, seu processo de luta e resistência para manter vivo o modo de vida tradicional, costumes, cultura, língua materna tendo como alicerce os seus territórios sagrados, heranças ancestrais na contemporaneidade.

Na segunda parte, iremos discorrer sobre Educação Escolar Indígena Pataxó, porém com foco no pressuposto que falar de Educação Escolar Indígena nos exige entender que devido as especificidades e diversidades de cultura, de modos de vidas dos mais de 300 povos indígenas brasileiros, cada povo adota a educação escolar conforme suas necessidades. Por isso, o presente artigo discorrerá sobre a educação escolar do povo Pataxó, mais especificamente do território Coroa Vermelha.

A Educação Escolar Indígena do povo Pataxó na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha completou em 2020, 22 anos, ofertando da educação infantil ao fundamental II desde a década de 90. Em 2007, passou a ofertar o ensino médio. Assim, nesse artigo, iremos falar sobre o processo de implantação do ensino médio e a conquista de termos hoje uma escola de referência tanto para o Povo Pataxó quanto para a rede de Escolas Associadas (PEA) da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), ou seja, fazemos parte da rede de escolas comprometidas com o fortalecimento identitário, relação de participação da comunidade no espaço escolar são práticas educativas para o bem viver.

Metodologia

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o processo de implantação do Ensino Médio na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha. Para isso, analisar documentos foi um recurso essencial na busca por dados. Sendo assim, a metodologia utilizada para realizar essa pesquisa foi a de Análise Documental. As ferramentas escolhidas foram leituras e análises de documentos diversos, tais como: documentos, manuscritos de reuniões, Projeto PolíticoPedagógico, currículo escolar, relatório, artigos e monografias que versam sobre Educação Escolar Indígena.

De acordo com Moreira (2005, p. 274), a pesquisadora que optar por esse tipo de método de pesquisa deve ter acesso a informações suficientes para conduzi-la na consulta dos documentos existentes para obter informações fidedignas sobre o objeto que pesquisa. Usar o método de Análise Documental, segundo Moreira, é:

Conforme explica a própria designação, a análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. No caso da pesquisa científica, é, ao mesmo tempo, método e técnica. Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados como entrevistas e o questionário. (Moreira, 2005, p. 272)

Nesse sentido, o artigo terá como perspectiva buscar fontes documentais do arquivo do Colégio Estadual indígena Coroa Vermelha, para embasamento na análise de dados e fundamentação nas informações apresentadas no artigo. Foram analisados os seguintes documentos: Projeto Político-Pedagógico, currículo escolar, atas da reunião com as lideranças, professores e comunidade dos anos de 2010 a 2017.

O acesso a esses documentos deu-se através de diálogos tecidos com a direção da escola, professores e equipe do administrativo. Além disso, por sermos professoras do Colégio Estadual tornou-se mais acessível os arquivos documentais, possibilitando a investigação:

Dentre os documentos analisado o Projeto Político Pedagógico-PPP, destaca-se Ele um documento elaborado, pensado de forma coletiva, com ampla participação de todos envolvidos com a escola e educação Pataxó. O PPP apresenta a proposta educacional da Escola. Nele está registrado o histórico da escola e traz a identidade da escola. O documento analisado é de 2017, pois no momento ele vem passando por complementações. O PPP é um documento que sempre que necessário deve ser reavaliado na busca de aproximar a escola às

transformações sociais, política e pedagógica. Sendo assim, no desenrolar da pesquisa, durante a análise dos documentos e o envolvimento com a escola foi necessário compreender como se daria essa relação:

No cerne da discussão aqui apresentada, adota-se uma abordagem qualitativa do método, enfatizando não a quantificação ou descrição dos dados recolhidos, mas a importância das informações que podem ser geradas a partir de um olhar cuidadoso e crítico das fontes documentais. Compreende-se ainda que, dependendo da área de pesquisa do investigador e dos interesses do estudo, documentos que podem ser desprezíveis para uns podem ocupar lugar central para outros. (Silva et al, 2009, p.4556)

Essa pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois busca apresentar, de forma subjetiva, o olhar de dentro, através das minhas vivências do nosso percurso de professoras no Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha desde setembro de 2014. Denzin e Lincoln, (2006, p. 22) descreve que; A pesquisa qualitativa abrange uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Contudo, ao realizar a pesquisa pude perceber que não seria fácil manter um distanciamento, de não transmitir a paixão que temos pela educação escolar indígena. Fazer parte da luta e conquista de uma escola que temos feito tanto para ser local de conhecimento e pertencimento étnico, pois nela buscamos transmitir, trocar conhecimento, esperanças, fortalecemos nossos laços ancestrais, vislumbrando um futuro onde nosso povo continuará dono do seu tempo. Sendo assim, a abordagem qualitativa possibilita realizar esses estudos mesmo que o objeto de pesquisa tenha significados subjetivos para nós.

Território Indígena Pataxó Coroa Vermelha, espaço de identidade e resistência étnica

O Território indígena – TI Pataxó Coroa Vermelha fica às margens da BR 367, entre os km 76 e 79 na região do Extremo Sul da Bahia, no município de Santa Cruz Cabrália. O território é banhado por uma longa faixa litorânea, cortado pelo Rio Jardim. É no território Indígena Coroa Vermelha, que está localizada a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, como outras TIs têm características próprias que fazem parte de sua história e do seu povo.

Quando as primeiras famílias Pataxó retornaram para residir nessas terras na década de 70, território de seus ancestrais, buscavam melhores condições de vida. Nessa época não haviam muitos habitantes, ainda era uma terra esquecida, apesar da forte exploração fundiária.

Décadas depois, o turismo tornou-se um empreendimento cada vez mais forte e principal fonte de renda para a população. Na atualidade a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha transformou-se numa das maiores aldeias indígena urbanas do Brasil.

Apesar do contato e vivências intensas com a população não indígena, os pataxós são reconhecidos como o povo que se reinventou, resistiu, mantendo suas características étnicas, ancestralidade presentes na contemporaneidade. Pataxó continua sendo Pataxó, com seu cauim, rapé, awê, cocares, tangas, escolas, agricultura, religiões e casas de farinha. Após 524 anos de investida do estado para deixarmos nossos costumes, Pataxó resiste:

Já Coroa Vermelha, além de ser a maior aldeia Pataxó em termos demográficos e de ser uma das aldeias que mais vivencia cotidianamente as implicações do contato com os não índios, também particulariza-se por ser pioneira em ações de pesquisa, resgate e valorização da cultura Pataxó, consolidando a existência do Grupo de Pesquisa da Língua e História Pataxó – ATXOHÃ, que se formou há mais de dez anos, e do Ponto de Cultura Pataxó da Reserva da Jaqueira. (Grupo Atxohã, 2011, p. 47)

O povo pataxó ao longo do tempo vem construindo estratégias de resistência. Para Luciano (p. 87) “os povos indígenas conquistaram a possibilidade de ter acesso às coisas, aos conhecimentos e aos valores do mundo global, ao mesmo tempo em que lhes é garantido o direito de continuarem vivendo segundo tradições, culturas, valores e conhecimentos que lhes são próprios”.

Por isso, é necessário compreender que o povo Pataxó Coroa Vermelha, partindo desse entendimento, aprenderam a usar os mecanismos dos colonizadores a seu favor sem perder sua cultura. Exemplo disso são as escolas que se tornaram instrumento de fortalecimento de cultura e identidade étnica. Deixaremos para falar mais especificamente sobre isso no próximo capítulo.

Sendo assim, a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha possui em torno de um pouco menos que 1 mil famílias, com aproximadamente 6 mil pessoas (Siasi/Sesai 2014). Para sobrevivência as famílias aldeadas encontraram no turismo, comércio, agriculturas, pesca, produção de artesanatos, etnoturismo, empregos públicos nos setores da saúde, educação e cargos na gestão municipal. Outro aspecto em destaque de nosso povo na contemporaneidade é a quantidade considerável de Pataxó Coroa com formação no ensino superior e o número de jovens que ingressam no ensino superior todos os anos.

Os desafios na atualidade surgem a cada época: na última década algumas retomadas de território vêm sendo organizadas e realizadas, emergindo novas lideranças. Esse aspecto tem sido positivo, pois o povo Pataxó se destaca em ter diversos guerreiro. No entanto percebemos

uma instabilidade na unidade entre as lideranças. Porém, quando a aldeia precisa estar unida em defesa de seus direitos originários, as diferenças são deixadas de lado. Outro aspecto é o aumento demográfico do povo pataxó, por ser uma aldeia urbana, local turístico, muitas famílias migraram para o território Coroa Vermelha, em busca de oportunidade. Devido ao descaso do Estado brasileiro em fortalecer as redes de proteção e atenção à população indígena, convivemos com poucos serviços básicos para atender a população. O aumento da violência, destruição da natureza, subemprego, poluição e outros.

Porém, mesmo diante de tantos desafios e obstáculos o Povo pataxó Coroa Vermelha se destaca pelo fortalecimento da cultura. Nas últimas três décadas a Aldeia Coroa Vermelha e seu povo, tendo como base a inspiração de seus anciões guardiões da língua e de saberes centenário, tem promovido um levante de seus costumes ancestrais, culturais, da língua materna e assim vem reescrevendo sua história de povo bravo, duro na queda:

“Cada tempo é um tempo” reflete a própria dinâmica vivida por muitos povos indígenas que, durante esses mais de 510 anos, passaram por vários “tempos”, marcados por tempos de sofrimento e conflitos, tempos de lutas, tempos de perdas, tempos de começo e recomeço, de construir e reconstruir, de retomar, tempos de celebrar e outros muitos outros tempos...
Esses tempos também remontam à própria dinâmica vivida pelo povo Pataxó ao longo de seu processo sociocultural e histórico, mas que agora digo que estamos no tempo de recomeço para construir e, se preciso for, retomar e reconstruir novamente para melhor. (Bomfim, 2012, p.19)

O Ensino Médio e a identidade Pataxó – Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha, espaço de pertencimento étnico

O Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha-CEICV, está localizado no Território Indígena Coroa Vermelha, no município de Santa Cruz Cabrália, do Estado da Bahia. Tem como público os jovens e adultos indígenas Pataxós que cursam o ensino médio. O CEICV foi fundado no ano de 2007, como extensão do Colégio Estadual Frei Henrique de Coimbra, com o objetivo de absorver os jovens Pataxós que finalizavam o ensino fundamental na Escola Municipal Pataxó Coroa Vermelha, e saiam da aldeia para estudar o ensino médio nas escolas regular próximas da aldeia.

Apesar de parecer algo natural, na rotina de qualquer adolescente mudar de escola, após terminar o ensino fundamental, para os adolescentes Pataxós tinha um impacto significativo em seus desenvolvimentos, tanto no ensino como na sua formação de adulto. As mudanças não

eram somente de ambiente, mas de visão de mundo, relatos de preconceito, dificuldade para finalizar o ensino médio por não conseguir acostumar com o novo ambiente eram recorrentes:

No final do ano de 2006 a Direção da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha na Pessoa de: Ademário Braz Ferreira e Gilson Matos Soares atendeu uma reivindicação dos alunos da 8ª série e o EJA. Onde eles diziam que gostaria de estudar o Ensino Médio na sua própria escola que não queriam sair pra estudar em outra escola. Pois, alguns alunos que estudavam em outras escolas falavam que sofria muito discriminação e preconceito, nesse sentindo só reforçou a nossa luta para trazer a extensão. (Projeto Político Pedagógico – 2017/2020)

Com a reivindicação da comunidade Pataxó por uma escola que oferecesse o ensino médio dentro da aldeia, a equipe gestora da escola municipal indígena solicitou ao órgão responsável, Diretoria Regional de Educação – DIREC 08 a implantação de uma extensão do Colégio Frei Henrique que funcionava no bairro Coroa Vermelha, porém, fora da aldeia:

Em 2007 iniciamos os estudos do ensino médio dentro da escola indígena, com toda luta e esforços observamos o número grande de alunos que tinham parado de estudar, com a criação da extensão voltaram para concretizar o seu ensino médio, alguns hoje já estão na faculdade, isso é uma recompensa muito grande pra nós professores. Começamos com três turmas 1º, 2º, 3º ano em um turno que era a noite. Só que atendíamos duas turmas no turno matutino no próprio prédio do Frei Henrique por ser maioria indígena. Em 2008 o número de alunos aumentou e tivemos que atender duas turmas de manhã um 1º e um 2º ano, pois, alguns desses alunos não tinha a idade adequada para estudar a noite, então, tivemos que atendê-los de manhã. Pra a nossa surpresa foi chegando outros alunos que estudava fora da aldeia, como alguns estudavam em Porto Seguro e outros estudavam em Santa Cruz Cabralia. (P.P.P, 2015-2017)

Costumamos falar que todas as conquistas são fruto de luta, persistência e força coletiva. Após a criação da escola em nível de extensão, percebeu-se que ter uma extensão não atendia as necessidades específicas, culturais da comunidade, pois éramos um braço de uma escola que oferecia um ensino regular nos moldes de uma educação tradicional, que não nos permitia ter autonomia para decidir o que aprender ou ensinar.

A Educação Escolar Indígena é uma conquista a partir da Constituição Federal de 1988, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394 de 20/12/1996) e o Plano de Educação (Lei nº 10.172 de 09/01/2001), nas quais é garantido o direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada, caracterizada pela utilização das línguas maternas, pela valorização dos conhecimentos tradicionais e saberes milenares.

Após chegar a essa conclusão, no ano de 2009 foi realizada uma reunião com caciques, professores e comunidades, para formar uma comissão para ir até à cidade de Salvador, na Secretaria de Educação da Bahia fazer a solicitação da implantação de uma escola Indígena Pataxó com o nível de ensino médio:

A liderança José Valério, conhecido também como Zeca Pataxó, que exerce a função de Administrador da FUNAI de Porto Seguro, fará a intervenção com o deputado Gaban pra juntos solicitar a Secretária Estadual de Educação a Senhora Nanci Paim, onde a mesma irá aguardar nossa chegada em Salvador na Secretaria de Educação para receber o documento e dar a liberação para a criação do Ensino Médio dentro da Comunidade Indígena Pataxó Coroa Vermelha, juntos para a entrega do documento estará o Ademario Braz Ferreira, Cacique Aruã Pataxó, liderança Peroá, a Secretária Municipal de Educação do Município de Santa Cruz Cabrália a senhora Luzia Fernandes. (Ata da reunião com as lideranças, 2009)

Logo no ano seguinte, em 2010, saiu à portaria da criação do Colégio Estadual Indígena com o nível de Ensino Médio, dentro da própria aldeia. O colégio iniciou suas atividades com três turmas, 1^o, 2^o e 3^o ano, utilizando algumas salas no período noturno da Escola Municipal Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Porém, após dois anos de funcionamento o número de alunos aumentou gradativamente. Com isso intensificou a necessidade de ter um prédio para o Colégio. Após dois anos de solicitação para construção do Colégio, enfim iniciou a construção:

A partir de 2012 o pessoal da secretaria de educação estadual veio fazer o estudo do local para a construção do sonhado colégio, iniciaram as obras em 2013 e a sua entrega seriam em 2014, só que no decorrer do tempo de termino do colégio não concretizou as obras no período que estava para acontecer, por falta de alguns recursos financeiros a empresa não finalizou a obra no tempo que era pra finalizar deixando mais de 90% das obras feita. (PPP, p.11)

Com a obra inacabada, ao finalizar às matrículas dos alunos para o ano letivo de 2015, sem o prédio do Colégio seria impossível atender todas as turmas, pois haviam turmas de alunos menores de idade que não poderiam estudar no período noturno. Mais uma vez, a gestão escolar e professores precisaram tomar uma decisão: decidimos que não iríamos perder nenhum aluno, iríamos para o prédio que estava com 90% da obra pronta. Ocupamos o que já era nosso colégio, sem água encanada, sem luz elétrica, quadros brancos, mobiliário novo, banheiros finalizados, apenas o prédio pronto, mas era a nossa real possibilidade de atender nossos jovens alunos do ensino médio.

E assim o fizemos, a gestão escolar tomou as providências necessárias para organizar o Colégio. Foi um ano difícil, pois sem esses recursos básicos para um funcionamento pleno do

Colégio tivemos que continuar contando com o apoio e suporte da Escola Municipal Indígena que é um parceiro até os dias atuais, que fica no mesmo terreno. Além disso, a compreensão dos pais/mães, responsáveis e dos alunos/as foi essencial para superar a falta dos recursos inacabados.

Nesse mesmo ano chegaram os primeiros professores indígenas, que passaram pelo concurso público para o cargo de Professor Indígena, do Grupo Ocupacional Educação, Quadro do Magistério Público do Estado da Bahia. No ano de 2014 o Estado da Bahia realizou o primeiro concurso do país para a carreira de professor indígena, criada com a Lei nº 12.046 de 04 de janeiro de 2011:

Art. 1º - Fica criada a carreira de Professor Indígena, no Grupo Ocupacional Educação, do Quadro do Magistério Público do Estado da Bahia.

Art. 3º - O exercício das atividades do Professor Indígena fundamenta-se nos direitos das comunidades indígenas à educação escolar com utilização de suas línguas maternas e secundárias e dos processos próprios de aprendizagem, amparando-se nos seguintes princípios:

I - liberdade de ensinar, pesquisar e divulgar o saber respeitando os mecanismos de conhecimento e de socialização próprios dos diversos povos, etnias e aldeias indígenas, que proporcionem a construção da cidadania;

II - garantia de acesso à educação diferenciada, adequada às peculiaridades das diferentes etnias e grupos indígenas[...]

O ano letivo de 2015 iniciava com significativas conquistas para o CEICV: a chegada de nove professores indígenas Pataxó representava a concretização inicial de uma educação específica, diferenciada, pensada e realizada pelo seu próprio povo, algo sonhando e conquistado pelos nossos que lutaram para tal no passado, e nós éramos o presente dessa luta.

Porém, os desafios foram muitos. Ao decidir ir para o prédio inacabado exigiu esforços de todo grupo escolar para que o ano letivo fluísse, garantindo o direito a uma educação de qualidade, específica e diferenciada com as condições que o colégio apresentava. Nesse período, a gestão escolar não era de professores indígenas, mas as professoras não indígenas que gestavam a escola contribuíram de forma significativa para um bom desempenho dos professores recém-chegados e na condução da gestão escolar favorável ao pensar pedagógico da educação escolar indígena. No final de 2015, após reunião com participação da comunidade, lideranças e grupo escolar foi eleito o primeiro diretor indígena do CEICV com dois anos de vigência, em 2017 o colégio passou a ser conduzido por uma gestão com direção e vice direção composta por professores indígenas.

No entanto é necessário registrar que as realizações nos anos de 2015, 2016 e 2017 surpreenderam a nós mesmos, foram muitas conquistas, realização de projetos pedagógicos que

tiveram impactos significativos na vida dos alunos, fortalecimento de uma pedagogia que tem como base a identidade, valorização, pertencimento Pataxó e práticas sustentáveis embasada nos princípios e legislação da educação escolar Indígena, tendo os alunos como protagonistas e fatores de uma escola na perspectiva da sustentabilidade:

Aprendendo com o Colégio Estadual Indígena de Coroa Vermelha – CEIVC. Implantação do Projeto Korihé-Cuidar 2015 – 2016 – 2017: A presente proposta pretendeu mobilizar toda a escola para participar desse grande projeto, de modo que sua implantação deveria tornar-se um processo de ensino aprendizagem fundamentada nos princípios da Educação Ambiental e da Sustentabilidade, dentro de uma abordagem pedagógica que enfatiza valores de cooperação, autonomia e participação, vivenciando a construção de uma Escola Sustentável e Cultural Pataxó em conformidade com os compromissos assumidos pela escola, ancorados nas políticas públicas de Educação Ambiental e nos princípios recomendados pelo Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, que reconhece o papel central da educação na formação de valores e na ação social. (Vieira, 2017, p. 32)

Como reconhecimento da comunidade aos nossos empenhos, fruto do trabalho que vínhamos desenvolvendo, em 2016 foi necessário ampliar a oferta de ensino para os três turnos, matutino, vespertino e noturno. Os projetos realizados pela comunidade escolar têm sido um aliado ao nosso fazer pedagógico, além do Projeto Korihé, temos o Projeto Abril Indígena, que acontece durante duas semanas no mês de abril, com atividades voltadas para a cultura e identidade Pataxó, esse projeto é um dos alicerces do currículo escolar na perspectiva da valorização, manutenção e pertencimento étnico dos jovens alunos Pataxós da escola, pois tem o saber tradicional Pataxó como fonte de conhecimento.

Tudo isso, tornou-se possível, pois a educação escolar indígena se estende para além do espaço escolar. Ela é construída com a participação ativa da comunidade. Sendo assim uma escola indígena não é projeto de uma pessoa, do estado, mas é projeto de uma sociedade, de um povo, do povo Pataxó de Coroa Vermelha, temos a educação escolar como aliada do projeto de vida e sobrevivência reivindicado pelos nossos anciões:

Nesse caso, a chegada da educação escolar na vida do povo pataxó foi fruto da reivindicação dos mais velhos devido ao sofrimento e os conflitos vividos por eles durante a luta pela garantia do território. A escola foi reivindicada para ser uma aliada para contribuir na defesa dos direitos e pela autonomia do povo pataxó, para o presente e futuro das crianças... (Bomfim, 2012, p. 88).

Contudo, o CEICV, aliado ao projeto de sociedade que os Pataxós de Coroa Vermelha deseja nos últimos três anos: 2018, 2019, 2020 vem reformulando e repensando seus

documentos referenciais Projeto Político Pedagógico, Currículo Escolar na perspectiva de estar alinhado ao que o Povo Pataxó de Coroa Vermelha almeja para o presente e futuro da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha.

Conclusão

Falar de Educação Escolar Indígena para os povos indígenas exige-nos compreender qual a função da escola para os povos indígenas na contemporaneidade. A educação escolar, essa feita em salas de aulas, não substitui a Educação Indígena, passada de gerações a gerações de forma oral. Percebemos isso muito fácil na nossa escola, em diferentes relatos de situações como, falta de respeito com os professores, degradação do espaço, ambiente hostil, muito comum em diálogo com professores da rede regular. Aqui encontramos jovens que somam com o ambiente escolar, protagonistas do aprender/saber/fazer pedagógico.

O Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha não seria a instituição que é sem o protagonismo dos nossos alunos. Cada espaço da escola foi transformado por eles. Respeitar professores, porteiro, merendeira, todos envolvidos com a escola, é fruto da aprendizagem adquirida com a educação indígena. A Educação Escolar Indígena Pataxó, somada a educação possibilitando a geração de jovens indígenas na contemporaneidade decidirem até onde eles querem chegar, fortalecidos na cultura, identidade étnica, nos saberes dos mais velhos, aliados aos conhecimentos universais como instrumento de luta para a manutenção e sobrevivência enquanto povo milenar dotados de direitos universais.

Por fim, o CEICV que completou dez anos de sua criação neste ano de 2020, superando os desafios de uma escola indígena nos faz acreditar que a educação escolar que um dia foi instrumento de catequização, eliminação da língua e cultura pelo estado brasileiro, na contemporaneidade vem sendo apropriada, ressignificada pelos povos indígenas somadas a contínua luta por seus direitos em manter sua ancestralidade, especificidade, identidade étnica viva.

Referências bibliográficas

ATA REUNIÃO COM COMUNIDADE ESCOLAR E COMUNIDADE INDÍGENA COROA VERMELHA- 2009.

BOMFIM, Anari Braz. **Patxohã, “língua de guerreiro”**: um estudo sobre o processo de retomada da Língua Pataxó. Salvador, UFBA, 2012.

COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA DO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ CABRÁLIA RECEBE CERTIFICAÇÃO DO PROGRAMA DE ESCOLAS ASSOCIADAS DA UNESCO. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2018/09/colégio-estadual-indigena-do-municipio-de-santa-cruz-cabralia-recebe-certificacao-do-programa-de-escolas-associadas-da-unesco/>, acesso dia 21, de março às 11h00min h.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320032013000400007.

LEI 12046/11 | Lei nº 12.046 de 04 de janeiro de 2011. Disponível em: <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/1026442/lei-12046-11>,

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. 47p. (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 1).

POVO PATAXÓ. **Inventário Cultural Pataxó**: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Secretaria de Educação Fundamental**. Diretrizes para a política nacional de Educação Escolar Indígena. Brasília, 1993 (Cadernos de Educação Básica, v. 2)

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICA COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA COROA VERMELHA – 2015/2017

SILVA, L.R; DAMACENO, A. D; MARTINS, M.C. R; SOBRAL, K. M; FARIAS, I. M. S. **Pesquisa documental**: alternativa investigativa na formação docente. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3124_1712.pdf.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: SEF/MEC, 1998.

VIEIRA, Geane Bonfim. **A importância de a educação ambiental ser aplicada nas escolas indígenas – Colégio Estadual Indígena de Coroa Vermelha - na trilha da ecopedagogia**. Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia-UNEB, como requisito parcial à obtenção do grau de Pedagogia Indígena na Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena- LICEEI.ENE. 2019.